



Fecomércio PE

Sesc | Senac

Instituto Fecomércio

Boletim Conjuntural
Abril | 2017

1. CONJUNTURA NACIONAL

A produção de bens e serviços no Brasil acumulou nos últimos dois anos uma retração de 7,2%. Trata-se de um indicador-síntese de um processo recessivo que afeta toda a economia: agropecuária, indústria e serviços. No mesmo período de comparação, o consumo das famílias sofreu queda de 8,0%, corroborando o quadro de recessão da economia, visto que representa o principal componente da demanda agregada, perfazendo cerca de 63% do PIB.

Neste início de 2017, permanecem grandes as dificuldades para os negócios em geral, sem a clareza de um movimento de recuperação ampla e sustentada da atividade econômica, em especial nos segmentos do comércio varejista e nas atividades dos serviços, apesar de se vislumbrar desempenho mais favorável em segmentos ou atividades específicas até o primeiro bimestre.

A evolução do Índice de Atividade Econômica (IBC-BR) – mensal e acumulado em 12 meses –, elaborado pelo Banco Central, é apresentada no **Gráfico 1**. A curva que retrata o valor acumulado em 12 meses revela melhora (desaceleração da variação negativa) desde o último trimestre de 2016. O ano de 2017 se inicia com indicadores mensais melhores que o do padrão predominante no ano passado. Em janeiro, chega-se a ter um pequeno crescimento (0,5%) em

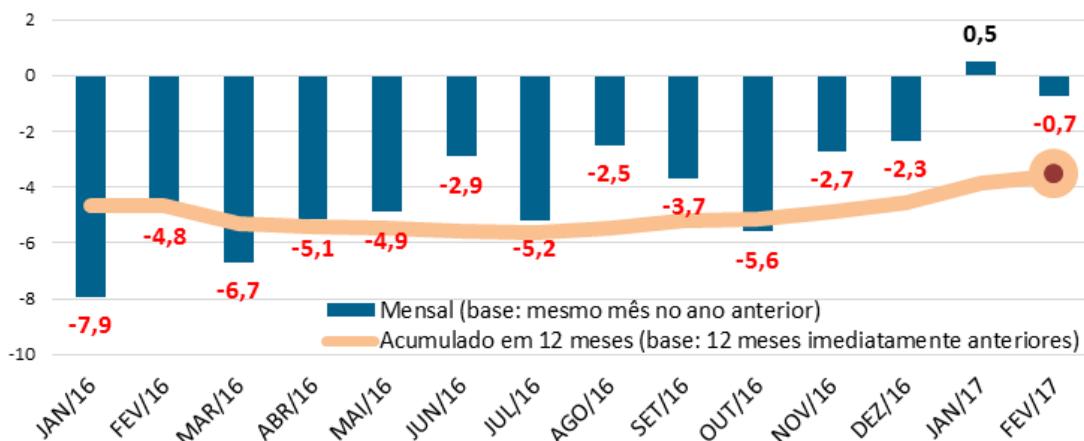
relação ao mesmo mês de 2016. O índice volta a apresentar resultado negativo em fevereiro (-0,7%), revelando um desempenho que mesmo negativo evidencia uma retração inferior às variações mensais registradas ao longo do ano passado. Contudo, ainda não são dados que respaldem conclusões de uma recuperação econômica sustentada. O índice acumulado em 12 meses também mostra um declínio significativo de -3,6% nos doze meses encerrados em fevereiro de 2017, comparados aos doze meses imediatamente anteriores.

Em termos de expectativa, é esperado um pequeno crescimento do PIB em 2017, um pouco abaixo de meio por cento (0,46%), conforme previsto no último Boletim Focus¹. A estimativa do Fundo Monetário Internacional (FMI) é mais pessimista quando aponta para um crescimento de apenas 0,2% em 2017 e de 1,7% em 2018. A estimativa para 2018, conforme o FMI, estaria condicionada à implementação de reformas estruturais que podem vir a reduzir o déficit fiscal do Governo.

Em síntese, o Brasil deve continuar a enfrentar – em 2017 – um quadro econômico que, em geral, ainda não será de satisfatório volume de negócios nos segmentos de comércio e serviços.

¹Ver “Focus – Relatório de Mercado” (BCB) [28 de maio de 2017] Documento eletrônico disponível em PDF: <<http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20170428.pdf>>. Acesso em:

Gráfico 1 - Brasil: Variação mensal do Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), em % - janeiro/2016 a fevereiro/2017 (base: mesmo mês no ano anterior)



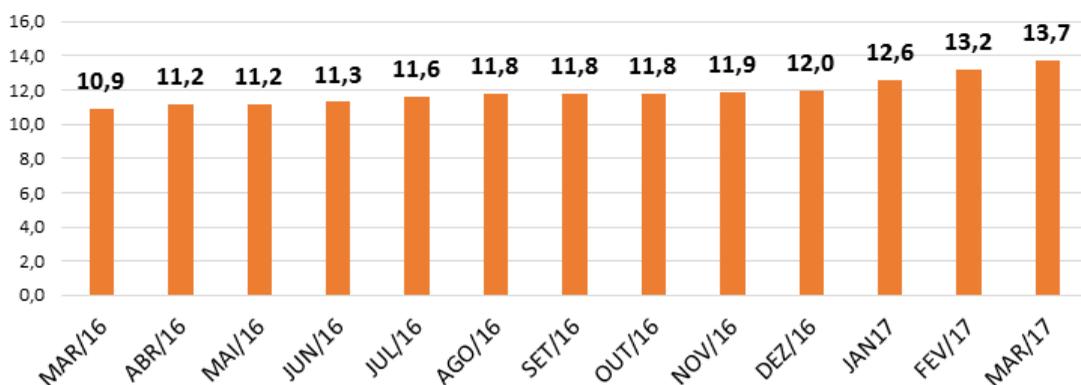
Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração Ceplan Multi.

Nesse contexto econômico de prolongada crise, o mercado de trabalho do país é atingido de forma significativa. A taxa de desemprego trimestral das pessoas de 14 anos ou mais (IBGE/Pnad Contínua)² permanece crescente, de janeiro de 2016 até março de 2017, quando atinge o patamar de 13,7% - conforme ilustrado no **Gráfico 2** -, maior patamar desde que esta

série foi iniciada em 2012. Em termos absolutos, o resultado desse indicador se expressa em um conjunto formado por mais de quatorze milhões de indivíduos em busca de ocupação. Um agravamento do quadro social do país é algo inevitável, nesse contexto de declínio da economia e conseqüente elevação do desemprego.

²Taxa trimestral (trimestre móvel), divulgada mês a mês pelo IBGE.

Gráfico 2 - Brasil: Taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % - março/2016 a março/2017

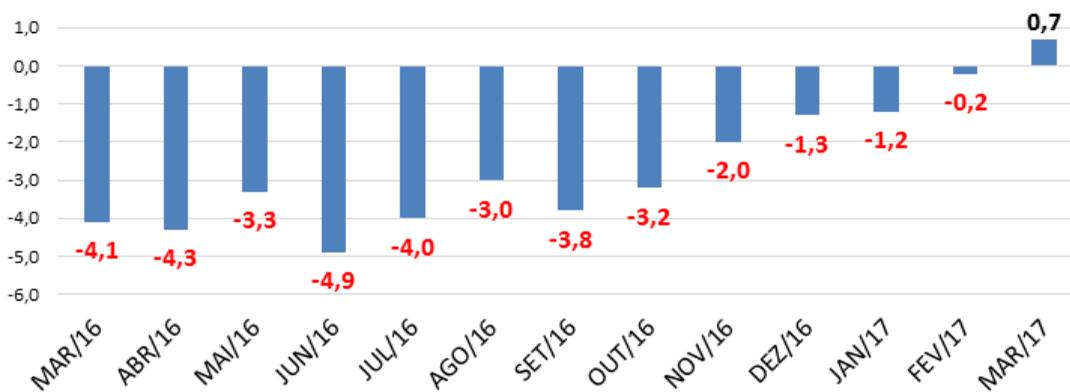


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Consequência direta do agravamento da questão ocupacional é o encolhimento da massa salarial – mostrada no **Gráfico 3** –, aspecto importante para agentes econômicos que operam em conexão direta com a demanda final – nos segmentos de comércio varejista e serviços. Dados do IBGE revelam que o valor da massa real de salários sofreu queda em todos os meses do ano passado. Ademais – depois de considerável desaceleração a partir do último trimestre de 2016 – as variações, embora

permaneçam negativas, tornam-se menos intensas, principalmente nos dois primeiros meses deste ano: -1,1% em janeiro e -0,2% em fevereiro. Em março, tem-se o primeiro resultado não negativo do período (0,7%). Contudo, chama-se atenção para o fato de que a redução significativa do ritmo de inflação (que tem lugar desde o segundo semestre de 2016) é fator importante para explicar a atenuação da queda de valor real da massa salarial.

Gráfico 3 - Brasil: Variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas, em % - março/2016 e março/2017 (base: mesmo período no ano anterior)



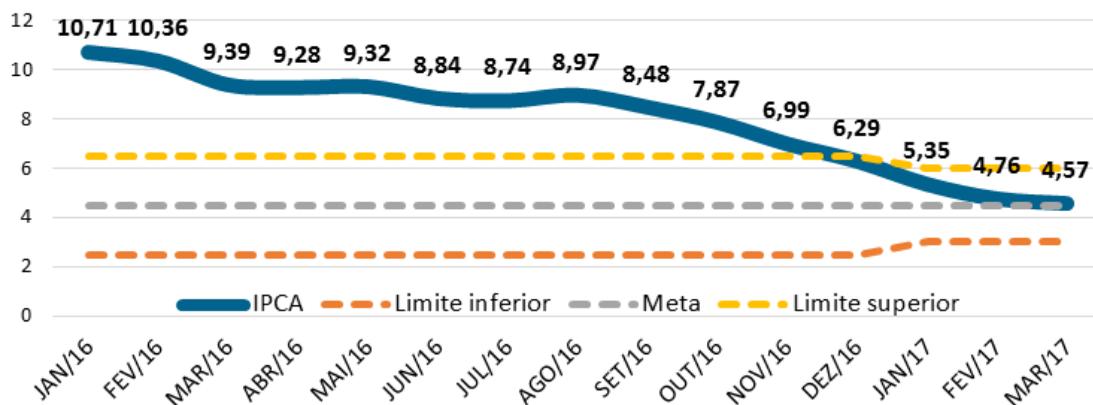
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: Utiliza a média móvel trimestral da massa de rendimentos recebida em todos os trabalhos pelas pessoas de 14 anos ou mais ocupadas e com rendimento de trabalho. A média calculada considera o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos mensalmente utilizando-se o deflator (IPCA) do mês intermediário.

Um aspecto positivo, nesse panorama de crise econômica, é a trajetória de queda registrada na taxa de inflação, anteriormente referida. Desde a segunda metade do ano passado (**Gráfico 4**), a inflação mensal decresce continuamente, com a variação acumulada em 12

meses do IPCA dos últimos 12 meses saindo de 8,97% em agosto de 2016 para 4,57% em março de 2017. Portanto, a trajetória da inflação vem convergindo para o centro da meta de inflação (4,5%), estabelecida pelo Banco Central, e deve terminar o ano de 2017 abaixo desse patamar.

Gráfico 4 - Brasil: Variação acumulada em 12 meses do IPCA, em % - janeiro/2016 a março/2017



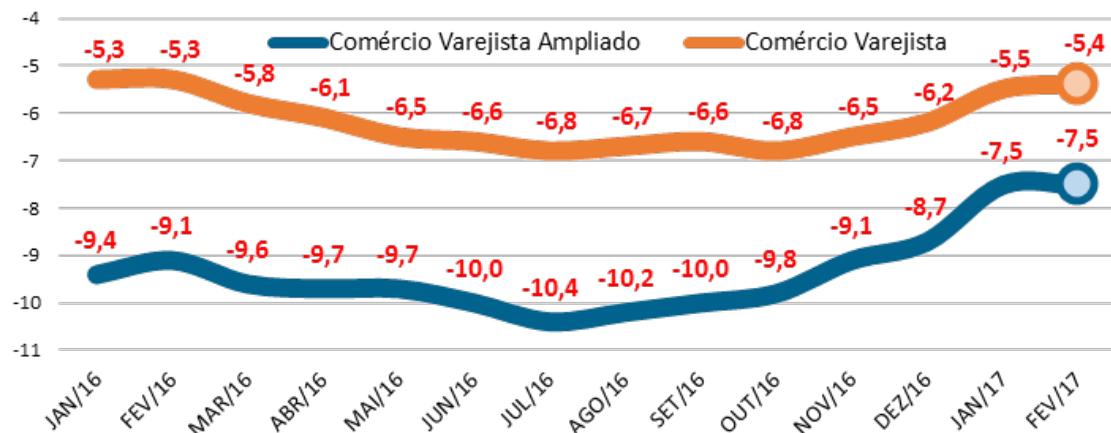
Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Volume de vendas do comércio se mantém em declínio

O comércio varejista ampliado – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o varejo propriamente dito – apresentou, no Brasil, em 2016, um declínio forte do volume de vendas, considerado o resultado acumulado do ano. No **Gráfico 5**, em que se observa a trajetória do volume acumulado de vendas em 12

meses, o varejo ampliado se mantém em variação negativa de dois dígitos de junho a setembro de 2016. A partir de outubro, no entanto, o desempenho negativo reduz-se gradativamente até alcançar -7,5% em janeiro e fevereiro de 2017. Portanto, nos dois primeiros meses deste ano, o varejo ampliado revela um desempenho ainda de queda expressiva no volume de vendas acumulada em 12 meses, embora os resultados apontem para uma redução no ritmo de queda desse índice.

Gráfico 5 - Brasil: Variação acumulada em 12 meses do volume de vendas do Varejo, em % - janeiro/2016 a fevereiro/2017 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: o Varejo Ampliado inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do Varejo.

O declínio do volume de vendas também atinge o varejo restrito. Nesse caso, o resultado acumulado das vendas segue uma trajetória de queda menos intensa nos últimos meses, alcançando -5,5% em janeiro e -5,4% em fevereiro de 2017. Ou seja, igualmente se verifica um declínio significativo do volume de vendas do varejo restrito, conforme o indicador acumulado de 12 meses, detectando-se redução do ritmo de retração, especialmente nos meses iniciais de 2017.

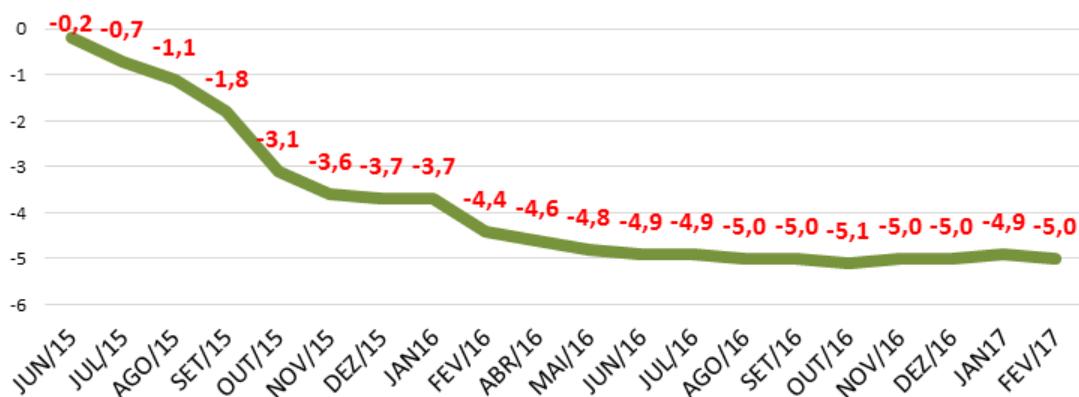
Declínio do volume de serviços se estabiliza em patamar elevado

Considerada a significativa redução da demanda agregada, é natural que uma trajetória de queda do volume de serviços seja observada.

Essa mencionada atenuação na trajetória de queda do volume de vendas do comércio, tanto no ampliado quanto no restrito, que vem sendo registrada desde os últimos meses do ano passado, e que se intensifica nos meses iniciais deste ano, alimenta expectativas de se caminhar para melhor desempenho do comércio varejista no segundo semestre de 2017.

O volume de serviços registra variação negativa progressiva desde junho de 2015, quando acumulava (em 12 meses) uma contração de -0,2%. O **Gráfico 6** ilustra a trajetória de declínio progressivo, culminando com expressiva variação negativa de -5,0% em fevereiro de 2017.

Gráfico 6 - Brasil: Variação acumulada em 12 meses do volume de Serviços, em % - junho/2015 a fevereiro/2017 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



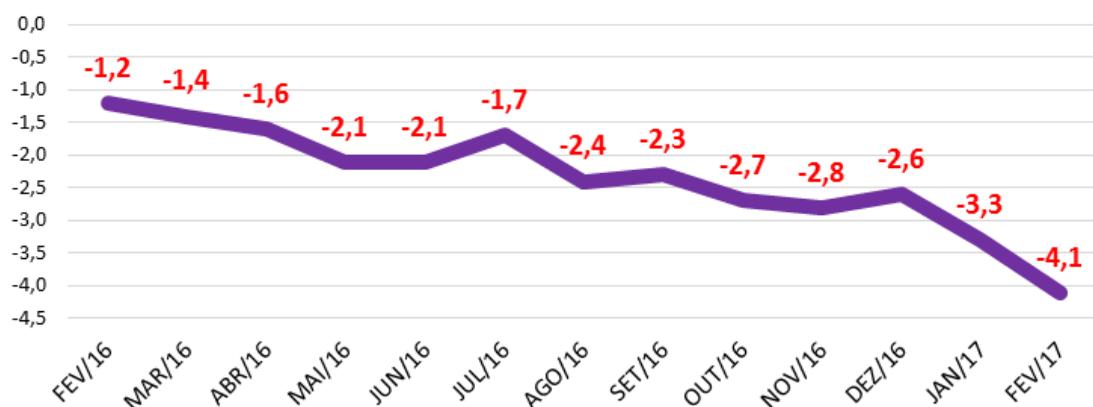
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Aprofunda-se o declínio do volume de atividades turísticas

Em um ambiente de recessão econômica e queda de poder de compra das famílias – como o aqui descrito –, as atividades turísticas naturalmente também são afetadas. Ressalte-se que,

nesse caso, o declínio se torna mais pronunciado nos meses iniciais de 2017: -3,3% em janeiro e -4,1% em fevereiro, como revelado pelo índice de variação acumulada em 12 meses, relativamente aos 12 meses imediatamente anteriores – **Gráfico 7**.

Gráfico 7 - Brasil: Variação acumulada em 12 meses do volume de Atividades Turísticas, em % - fevereiro/2016 a fevereiro/2017 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



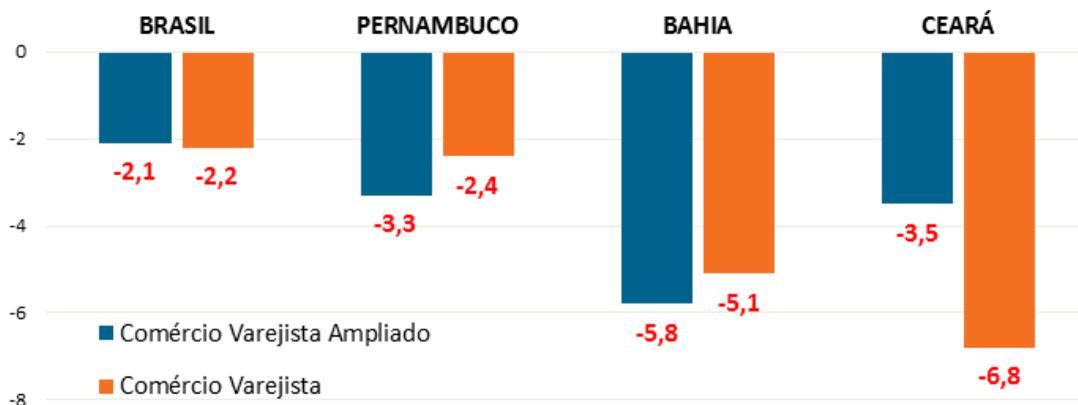
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

2. DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA E DOS SERVIÇOS EM FEVEREIRO DE 2017: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

O **Gráfico 8** traz informações referentes ao comércio varejista (ampliado e restrito), para janeiro-fevereiro de 2017, comparativamente a correspondente período de 2016, para o país como um todo e para os três estados economicamente mais importantes do Nordeste. Depreende-se, dos indicadores observados, que as variações negativas do volume das vendas em

Pernambuco (-2,4% no varejo restrito e -3,3% no ampliado) são mais intensas do que as observadas no país como um todo: -2,1% no varejo restrito e -2,2% no ampliado. Entretanto, quando a comparação é feita no âmbito regional, o desempenho do varejo pernambucano (tanto o restrito quanto o ampliado) é menos desfavorável do que os registrados para a Bahia e o Ceará.

Gráfico 8 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: Variação acumulada no ano do volume de vendas Varejo, em % - janeiro-fevereiro/2017 (base: janeiro-fevereiro/2016)



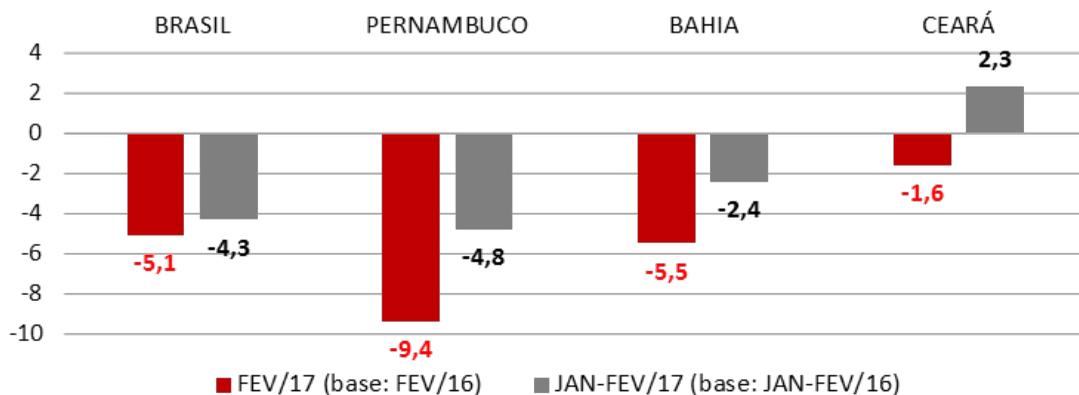
Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

A fragilidade econômica, associada ao desemprego elevado, queda do poder de compra dos consumidores, redução da massa salarial, forte endividamento das famílias e níveis elevados de inadimplência, continua sendo razão fundamental para o declínio observado no comércio de Pernambuco, em outros grandes estados do Nordeste e no país como um todo.

No que diz respeito ao segmento de prestação de serviços (**ver Gráfico 9**) observe-se que o volume de serviços em Pernambuco cai, tanto no confronto de fevereiro de 2017 com fevereiro de 2016, quanto no resultado acumulado

(janeiro-fevereiro de 2017, tendo por base o mesmo período do ano anterior): -9,4% no mês de fevereiro de 2017 e -4,8% no resultado acumulado do ano. Na Bahia, as quedas são, respectivamente: -5,5% e -2,4%; no Ceará: -1,6% e +2,3%; e, no Brasil: -5,1% e -4,3%. Isto é - conforme o índice acumulado de 2017 - em todas as demais comparações realizadas são registradas, com exceção do resultado do Ceará, reduções do volume de prestação de serviços, sendo mais fortes as variações negativas observadas em Pernambuco, comparativamente ao país como um todo e, também, aos outros estados do Nordeste incluídos no estudo.

Gráfico 9 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: Variação em fevereiro de 2017 e variação acumulada no ano, do volume de Serviços, em % - janeiro-fevereiro/2017 (base: mesmo período de 2016)

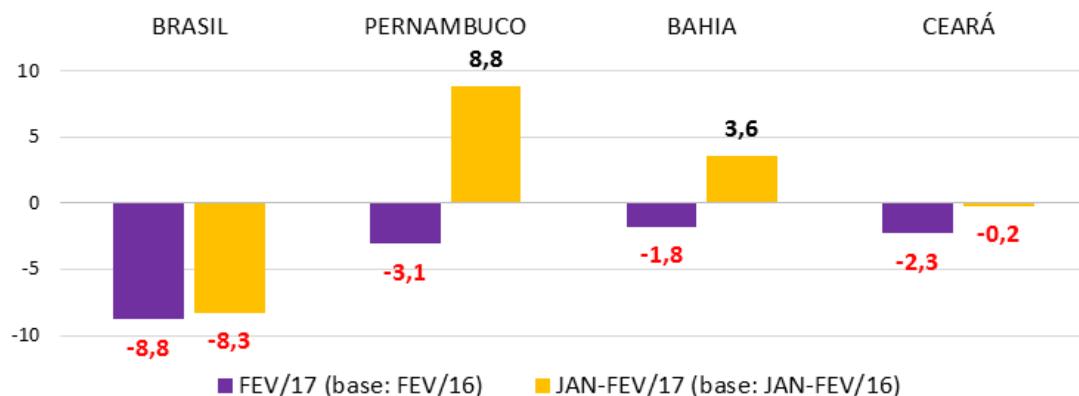


Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

O desempenho referente ao segmento de turismo também é contemplado na análise desenvolvida neste Boletim direcionada para as quatro áreas geográficas que são objeto de investigação, conforme ilustrado no **Gráfico**

10 - que contém tanto o indicador mensal do volume das atividades turísticas (fevereiro de 2017 comparado a fevereiro de 2016), quanto o desempenho acumulado do ano.

Gráfico 10 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: Variação mensal e variação acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % - janeiro/2017 e janeiro-fevereiro/2017 (base: mesmos períodos no ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Pernambuco teve o melhor desempenho entre os territórios analisados no resultado acumulado do ano (+8,8%) e, embora o desempenho observado em fevereiro tenha sido pior (-3,1%) do que os registrados para a Bahia (-1,8%) e para o Ceará (-0,2%), mesmo assim, é

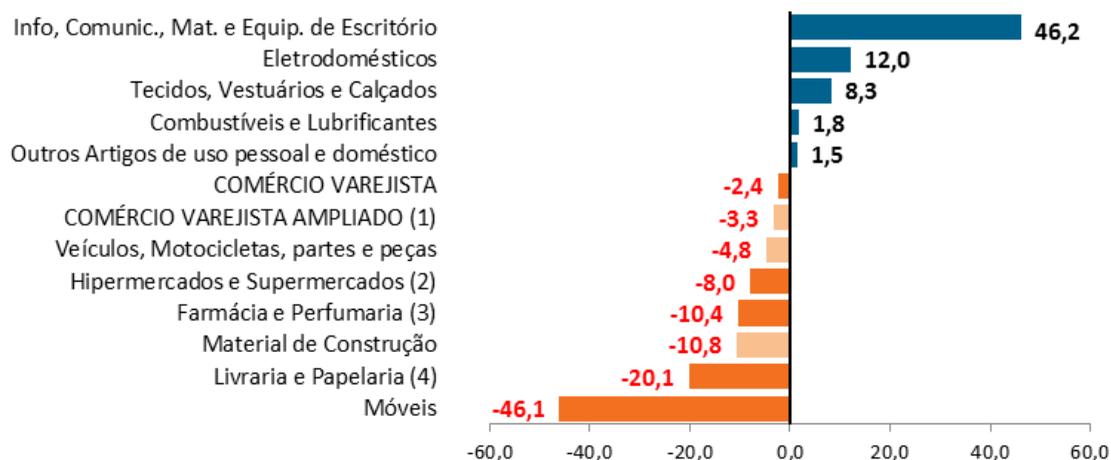
um desempenho menos ruim do que a queda de -8,8% observada para o país como um todo. No resultado acumulado do ano, a Bahia também tem desempenho positivo (3,6%), embora abaixo do bom desempenho de Pernambuco.

3. SEGMENTOS DO COMÉRCIO E DE ATIVIDADES DOS SERVIÇOS EM PERNAMBUCO

Nesta seção, mantendo-se procedimento adotado em todas edições do Boletim Fecomércio-PE, é incorporado detalhamento da composição do comércio e dos serviços por grupos de atividade. Por essa razão, é conveniente que mais uma vez seja feita referência ao caráter dual da abordagem do varejo. Primeiro, composição – conforme as atividades específicas – **do comércio varejista na acepção tradicional** e mais conhecida: combustíveis e lubrificantes; hipermercados e supermercados; tecidos, vestuários e calçados; móveis; eletrodomésticos; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; livros, jornais,

revistas e papelarias; equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; e outros artigos de uso pessoal e doméstico. Acrescentando-se a tal conjunto as atividades concernentes a veículos, motocicletas, partes e peças, além de material de construção, é revelado o agregado **comércio varejista ampliado**. São assim sistematizadas no **Gráfico 11** informações sobre o acumulado do volume de vendas, no ano de 2017, referentes a cada um dos grupos de atividades dos segmentos do varejo e do varejo ampliado, comparativamente ao mesmo período de 2016.

Gráfico 11 - Pernambuco: Variação acumulada no ano do volume de vendas por Segmento do Varejo, em % - janeiro-fevereiro/2017 (base: janeiro-fevereiro/2016)



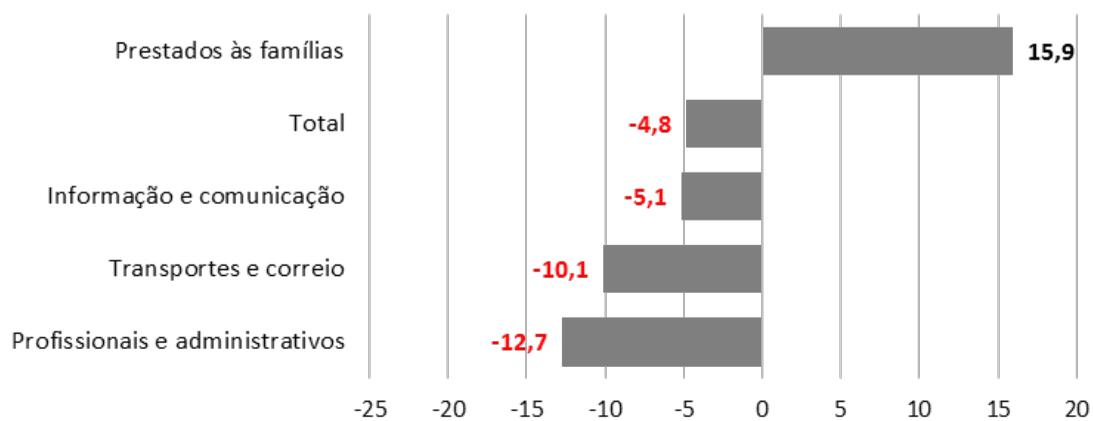
Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi. (1) Inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do varejo; (2) Inclui produtos alimentícios, bebidas e fumo; (3) Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumarias e cosméticos; (4) Corresponde a livros, jornais, revistas e papelaria.

Observe-se que a maioria dos segmentos do comércio varejista continua apresentando variações negativas no resultado acumulado do ano de 2017: Móveis (-46,1%); Livraria e Papelaria (-20,1%); Material de Construção (-10,8%); Farmácia e Perfumaria (-10,4%); Hipermercados e Supermercados (-8,0%); Veículos, Motocicletas, partes e peças (-4,8%). Os demais segmentos apresentaram variações positivas: Material de Informática, comunicação, equipamentos de Escritório (46,2%); Tecidos, vestuários e Calçados (8,3%); Combustíveis e Lubrificantes (1,8%); Eletrodomésticos (12,0%); e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (1,5%). Reitere-se que a maioria dos segmentos do varejo continua com variações negativas, porém menos intensas do que as que vinham sendo observadas em

boletins anteriores. Contudo, alguns segmentos apresentam variações positivas neste início de ano, alimentando expectativas de que o varejo possa iniciar uma fase de recuperação.

Em relação ao segmento de prestação de serviços – ver **Gráfico 12** –, a retração (acumulada no ano) das atividades que compõem esse setor é quase generalizada. Exceto ‘serviços prestados às famílias’ (com uma significativa variação positiva de 15,9%), os demais segmentos têm desempenho negativo: ‘transportes e correio’ (-10,1%); ‘informação e comunicação’ (-5,1%); e ‘serviços profissionais e administrativos’ (-12,7%). Estes últimos, vinculados a atividades produtivas de outros setores, continuam apresentando declínio relativo mais acentuado.

Gráfico 12 - Pernambuco: Variação acumulada no ano do volume de Serviços, segundo as Atividades, em % - janeiro-fevereiro/2017 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

4. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

A economia brasileira continua amargando, neste início de 2017, uma recessão que se arrasta há quase 3 anos, embora os indicadores apontem para uma situação econômica melhor do que em 2016. Inicia-se 2017 com a economia revelando alguns resultados localizados que permitem alimentar expectativas menos pessimistas. Contudo, os descaminhos da política mantêm-se como fator de risco, não se podendo garantir que a trajetória econômica esteja livre de maiores percalços, consideradas possíveis consequências das ações de combate à corrupção, assim como possibilidades de crise institucional.

A redução significativa da Inflação – que terminará 2017 abaixo da meta de 4,5% estabelecida pelo Banco Central – é, sem dúvida, o principal ingrediente positivo. Juros em trajetória declinante e perspectiva das reformas previdenciária e trabalhista podem restaurar a confiança necessária à retomada de investimentos. Mas o longo caminho a percorrer permanece sujeito a percalços no ambiente político, que podem se refletir no Congresso Nacional e na governabilidade. E a Operação Lava Jato, junto com outras ações de combate à corrupção, ainda pode gerar significativos embaraços à continuidade e ao sucesso da política de ajuste fiscal e ao avanço das reformas.

O panorama estritamente econômico é alentador, consideradas certas ressalvas. A cautela ainda existente tanto no meio empresarial quanto entre consumidores é perfeitamente compreensível; e os dados econômicos ainda não apontam para uma recuperação sustentável da economia. A expectativa de modesto crescimento do PIB de 0,4% (Boletim Focus) ou 0,2% (FMI) não é tão animadora e, ademais, está sujeita a condicionantes que não se pode afirmar que sejam improváveis diante da situação política do país: Governo sem apoio popular e a grande maioria dos congressistas sob suspeita de corrupção. Adicione-se a esse quadro uma

eleição presidencial para renovação dos cargos de presidente, governadores e deputados estaduais e federais, além de parte dos senadores.

Os graves problemas fiscais ao nível da federação e dos estados e municípios esperam por reformas e ajustes de difícil operacionalização. A crise fiscal do Governo Federal e a fragilidade fiscal de governos estaduais e municipais ainda exigirão medidas duras que demandarão tempo e disposição política. Os benefícios, a serem possivelmente auferidos em médio e longo prazos, repousam na hipótese otimista de que o ambiente econômico não apresente novos retrocessos.

Nesse contexto, incertezas políticas, persistência de elevado desemprego – agora se aproximando a um contingente de mais de 14 milhões de pessoas desempregadas –, redução da massa salarial, endividamento das famílias e níveis elevados de inadimplência ainda constituem fatores que explicam o declínio observado no varejo e no setor de serviços em Pernambuco, em outros estados do Nordeste e no Brasil como um todo.

Em síntese, ainda faz parte do panorama a permanência de fatores políticos e econômicos que afetam diretamente e de forma negativa o desempenho de segmentos como comércio varejista e prestação de serviços. A diferença é que, em 2017, o desempenho de alguns segmentos específicos contribui para alimentar a esperança de um final de crise e um início de recuperação, mesmo de forma modesta. Alguns fatores favoráveis já foram mencionados, no campo dos preços e da taxa básica de juros. Se o país lograr avançar em ajustes institucionais e reformas, que aliviem a questão fiscal, pode-se transitar para um ambiente econômico mais favorável a mudanças de expectativas que atraiam capitais para projetos de infraestrutura, uma alternativa que – uma vez viabilizada – teria impacto imediato na redução do desemprego.

Será necessária a combinação de arte e negociação no campo político e de técnica no campo econômico, visando a uma política tanto eficaz na atração de investimentos quanto efetiva para expansão da demanda agregada. Dessa forma, mesmo com a perspectiva de um incipiente crescimento do PIB em 2017, iniciaria-se a recuperação das perdas acumuladas de quase 8,0% no PIB durante o biênio 2015-2016 e de recuo de 9,1% do PIB per capita. Seria o ponto de inflexão ou o início da uma trajetória de saída da crise, depois da forte retração econômica dos últimos dois anos. Mas, enquanto não for significativamente reduzido o elevado nível de desemprego, recuperada a massa salarial e

atenuado o endividamento das famílias e o elevado nível de inadimplência, permanecerá lenta a recuperação do volume de vendas do varejo e dos serviços em Pernambuco, em outros estados do Nordeste e no Brasil como um todo.

Uma diferença, na fase atual, é que apesar do modesto ritmo de mudanças – e com algum otimismo – já se pode vislumbrar, com ressalvas relevantes, uma possível perspectiva de início de um processo de reversão da crise. Isto apesar da permanência de fatores políticos que afetam diretamente, de forma negativa, o desempenho econômico do país, em especial o comércio varejista e a prestação de serviços.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Índice de Atividade Econômica – Brasil (IBC-Br)**. Fevereiro/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contas Nacionais Trimestrais**. 4º Trimestre 2016.

Pesquisa Mensal do Comércio.

Fevereiro/2017.

Pesquisa Mensal dos Serviços.

Fevereiro/2017.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Março/2017.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Março/2017.

EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque
Diretora-executiva do Instituto
Fecomércio: Brenna Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer: Nilo Monteiro
Revisão de Texto: Iaranda Barbosa
Revisões Textuais

EXPEDIENTE - CEPLAN-PE

Jorge Jatobá
Tania Bacelar
Osmil Galindo
Roberto Alves
Ademilson Saraiva

Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)

Anexo: Rua Bispo Cardoso Ayres, 147, Sala 105,
Santo Amaro (esquina com a Rua do Príncipe)
Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50.050-135
Tel.: (81) 3423-8423 | 3423-7440 (PABX)

